

Introdução	3
Mosteiro	5
Igreja	7
Caracterização arquitectónica da igreja	9
Deambulatório	11
Claustro Medieval	13
Sala do Capítulo	15
Parlatório	17
Dormitório	19
Sala dos Monges	21
Cozinha Nova e Velha	23
Refeitório	25
Limites do mosteiro	27
Sistema hidráulico do mosteiro	29
Reflexão sobre o românico	31
Reflexão sobre o período Gótico	33
Bibliografia	35



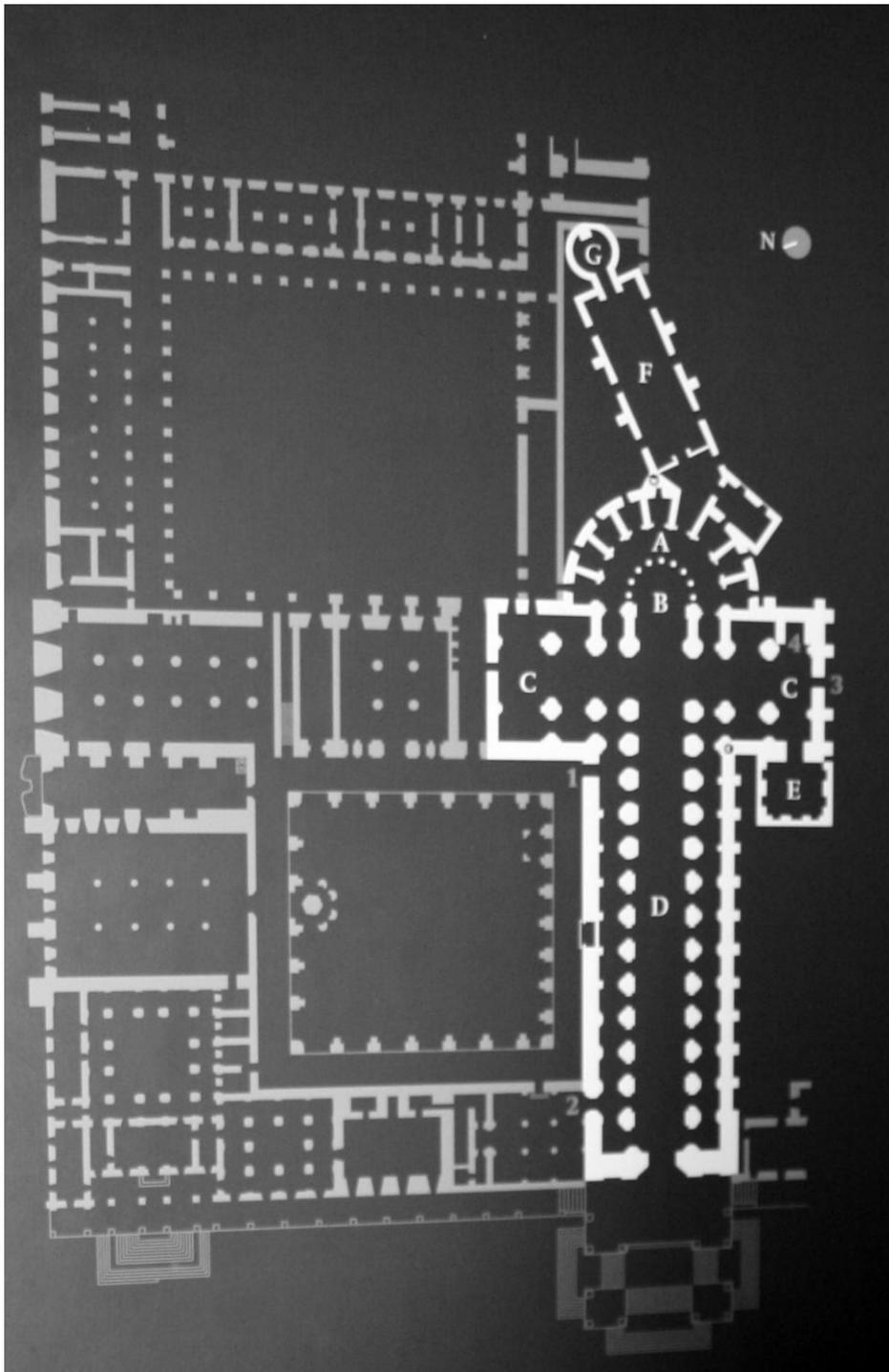
Introdução

Com este trabalho pretendemos uma reflexão sobre as arquitecturas do românico e do gótico no Mosteiro de Alcobaça, também conhecido por Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça que é a primeira obra plenamente gótica erguida em solo português.

Deduzimos que o Mosteiro de Alcobaça foi uma obra única, de transição entre o românico e o gótico, não tendo antecedentes nem continuação posterior em Portugal.

A implantação do Mosteiro localiza-se no ponto de confluência dos rios Alcoa e Baça, desenvolvendo aí o complexo monástico.

No seu aspecto geral, o mosteiro exhibe vários estilos arquitectónicos e de construção, como exemplo temos a fachada da igreja que é barroca e da qual resta o pórtico e a rosácea como elementos do período gótico.

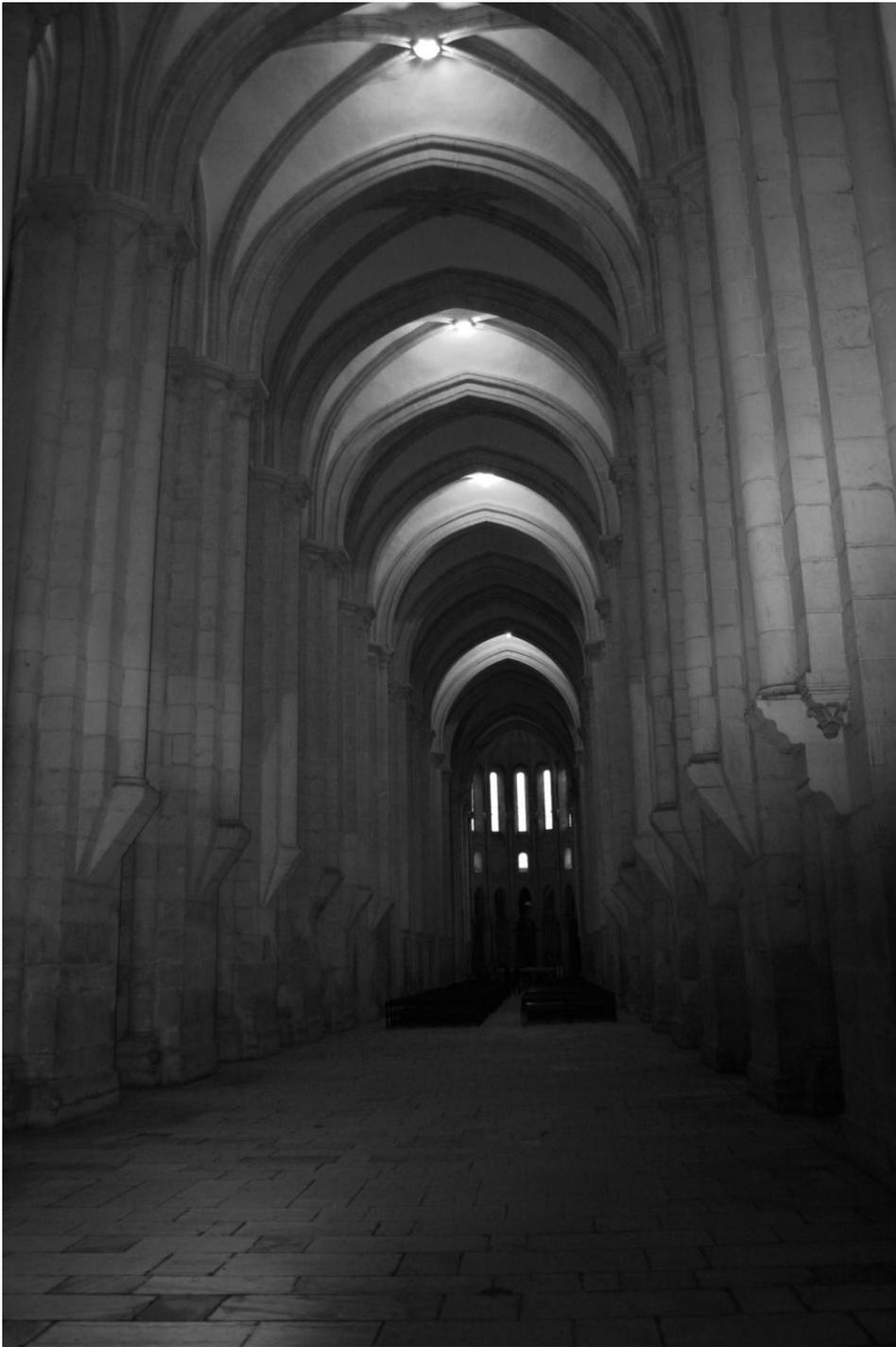


Mosteiro

O mosteiro é constituído por uma igreja ao lado da sacristia e, a norte, por três claustros seguidos, sendo cada um circundado, na sua totalidade, por dois andares, assim como também por uma ala a sul. Os edifícios à volta dos claustros mais recentes possuem três andares. Entre 1998 e 2000 foi descoberto um presumível quarto claustro no lado sul da igreja. Este claustro foi, provavelmente, aplanado na sequência da destruição causada pelo terramoto de 1755 e da grande inundaçãõ de 1772.

Os edifícios do lado sul foram provavelmente construídos no século XIV. No último terço do século XVI iniciou-se a construção do Claustro da Levada que se ligava ao claustro medieval norte. Por último, entre o século XVII e a metade do século XVIII construiu-se o Claustro da Biblioteca ou Rachadoiro.

Na época manuelina, registaram-se novas obras, como o àtrio da sacristia e o seu decorado portal e, no Barroco, novas realizações de actualização estética. Já neo-gótica é a sala dos túmulos, aberta para o braço Sul do transepto.



A Igreja, como estudos indicam, iniciada como era prática corrente pela cabeceira, com três naves à mesma altura, o transepto de duas naves e o deambulatório formam um conjunto que impressiona pela simplicidade, grandeza e austeridade.

Mas os estudos que indicam que a construção da Igreja foi iniciada pela abside, não nos parecem correctos, pois constatamos que a zona das naves, exceptuando as zonas mais altas, ainda possuem um ambiente muito românico enquanto na zona do transepto, abside e deambulatório existe um sentimento mais gótico.

Esta igreja é uma das maiores abadias que os cistercienses construíram na Europa. A arquitectura da igreja de Alcobaça é um reflexo da regra beneditina da procura da modéstia, da humildade, do isolamento do mundo e do serviço a Deus. Os cistercienses partilhavam estas ideias, ornamentando e construindo a estrutura das suas igrejas de forma simples e poupada. A opção pelos capitéis vegetais e o ritmo ordenado dos tramos do corpo são a marca mais evidente da tendência estética característica dos cistercienses. Apesar da sua enorme dimensão, o edifício apenas sobressai através dos seus elementos de estrutura necessários que se dirigem ao céu. As peças paredes das naves, suportadas por contrafortes, libertam-se do seu peso em arcobotantes na zona da abside. No seu trecho pelas naves, só possuem tímidos vãos na parte superior mas quando chegados ao transepto se desdobram numa rosácea e nas múltiplas entradas de luz do altar – mor, concluímos que o resultado do uso de arcobotantes na abside, no seu conjunto constitui um percurso em direcção à luz desde que se entra na igreja.

De acordo com os mais recentes estudos, são três os momentos distintos marcados no monumento. À primeira fase pertence o traçado geral do convento e a construção da parte mais importante da cabeceira, transepto e coro dos monges. Devido a um mestre francês, a opção foi por uma cabeceira com capela-mor de duplo tramo, ladeada por deambulatório onde se abriam originalmente nove capelas radiantes de planta trapezoidal com parede fundeira rectangular. Uma das suas grandes novidades foi a inclusão de arcobotantes a amparar o deambulatório, solução claramente gótica e sem paralelo, até então, no nosso país. Quando a obra chegou ao quinto tramo do corpo, deu-se uma mudança na orientação do projecto. Entre as alterações então efectuadas, salienta-se a diferente elevação das naves, que passaram a estar quase à mesma altura, e a adopção de um repertório decorativo de tendência coimbrã nos capitéis. Finalmente, os dois últimos traços e a fachada devem-se a um terceiro mestre, que



rematou o conjunto com uma galilé e o actual portal principal, a que se sobrepunha uma fachada em empena.

A fachada principal do mosteiro a ocidente foi alterada entre 1702 e 1725 com elementos do estilo barroco. Desde aí, a fachada da igreja é ladeada, em direcção à praça, por alas de dois andares. A escadaria da entrada, com as suas decorações barrocas data igualmente deste tempo. Da fachada antiga restam o portal gótico e a rosácea. É difícil conhecer-se o aspecto da fachada original, pois foi 1531. Provavelmente, a igreja não possuiria campanários, correspondendo, deste modo, ao ideal cisterciense de simplicidade.

Caracterização arquitectónica da igreja

Quanto à caracterização arquitectónica da igreja, trata-se de uma planta em cruz latina. A actual fachada é do século XVIII, restando do gótico primitivo o portal de arcos ogivais e o arco da rosácea. A concepção arquitectónica deste monumento é desprovida de decoração e sem imagens, como ordenava a Ordem de Cister. As naves centrais e laterais são inteiramente abobadadas praticamente da mesma altura, dão a sensação de amplo espaço a que o processo de iluminação, românico ainda, dá pouca luz e o torna ainda maior. As naves laterais prolongam-se pelo deambulatório, e da charola irradiam nove capelas que acompanham a àbside circular, iluminada por frestas altas, o que realça o altar-mor. A segurar a parte alta da àbside existem arcos-botantes, pouco vulgares nas abadias de Cister, talvez por ser um monumento de transição entre o românico e o gótico. As inovações típicas da arte gótica aparecem ainda com o aspecto de um ensaio, como por exemplo a subida das naves laterais até à altura da central. O transepto apresenta-se com duas naves, mas quando olhamos a planta da igreja reconhecem-se três naves, nos alicerces e no corpo central.

O interior do edifício demonstra a existência de um gótico avançado, o exterior do edifício exprime a austeridade cisterciense. De facto, como aconselhava a regra, não existem torres, e as fachadas, nomeadamente o frontispício possuía apenas uma parede lisa com empena triangular. As paredes são contrafortadas, exceptuando a cabeceira, na qual surgem pela primeira vez arcobotantes na arquitectura portuguesa.

Estes e outros aspectos poderão desmentir a escassa influência do mosteiro de Alcobaça na história da arquitectura portuguesa. De facto, o monumento tem sido sempre encarado como uma excepção no quadro do modo gótico produzido em Portugal como uma peça única e experimental sem antecedentes nem descendentes.



Deambulatório

O deambulatório é uma obra complexa, a sua estrutura interior – o presbitério – articula-se com a nave por intermédio de duas paredes opostas, rectas, marcadas por dois pilares nos troncocónico côncavo e ornamentação vegetalista muito simplificada, sustentam arcos quebrados muito aperaltados. A abóboda, nervurada e ligeira, parte de meias colunas cuja raiz se situa acima daqueles capitéis. A parte exterior do deambulatório é dotada de uma abóboda mais pesada e de acordo com os sistemas mais simples utilizados no restante edifício.



Claustro Medieval

O primeiro claustro e a igreja foram possivelmente completado em 1240. No entanto, é provável que o claustro se tenha desmoronado. Entre 1308 e 1311 ele foi substituído pelo ainda hoje existente Claustro de D. Dinis ou Claustro do Silêncio, nome que se deve à proibição de conversação naquele tempo nesse local. O acesso ao piso superior do claustro efectua-se por um púlpito, uma escada em caracol na parede, interligando também a cozinha ao dormitório.

Entre 1178 e 1240, a igreja e o primeiro claustro foram construídos no estilo pré-gótico, da passagem do românico. Em 1308, D. Diniz faz construir o Claustro do Silêncio, este foi executado pelo arquitecto Domingos Domingues cujo nome consta de uma lápide *in situ*. Artisticamente, é uma obra que denota hesitações de programa e encurtamentos mas cujos capitéis, tematicamente muito variados e de assinalável qualidade técnica, nada têm já de românico. Este claustro foi ainda acrescentado de um piso já no reinado de D. Manuel, que mandou também construir a chamada Sacristia Manuelina, obras encomendadas ao arquitecto João de Castilho.

O claustro impressiona pelo seu pé direito e pelas abóbadas e nervuras do piso térreo, a sua dimensão também é imponente, o lavabo representa o elemento hídrico deste sistema, as colunas que suportam o claustro exibem desgaste temporal. Todo o material em que é construído desde o barro do pavimento, a pedra da construção á madeira da cobertura incitam uma ligação à terra e um ambiente apropriadamente cisterciense. O piso superior do claustro possui um maravilhosa cobertura de travejamento de madeira escura em bom estado, possuindo um pé direito mais modesto que o piso inferior. Este claustro possui dois miradouros e está ornamentado por elementos góticos como as gárgulas e elementos vegetais nos capitéis das colunas.

Sala do Capítulo

O acesso à sala do capítulo revela uma fachada especialmente vistosa devido aos seus pilares escalonados uns atrás dos outros, possui uma forma quadrada de 17,5m x 17,5m havendo espaço para 200 monges. A Sala do Capítulo servia às assembleias dos monges e era, depois da igreja, a sala mais importante do mosteiro. Essa sala era também o lugar de votações e actos semelhantes feitos pelos monges. Na época medieval havia uma escada que conduzia directamente ao Dormitório, uma vez que os monges eram obrigados a ir lá durante a noite. Antigamente o chão desta sala estava todo ele coberto por estas placas funerárias pois, de acordo com uma regra cisterciense de 1180, os abades deviam ser enterrados na Sala do Capítulo; este género de enterro era uma grande excepção dentro da ordem cisterciense pois, normalmente, os enterros estavam proibidos dentro dos mosteiros, por esse motivo, encontra-se uma porta, com acesso ao exterior, no transepto sul, chamada Porta da Morte, pois os monges falecidos eram transportados através dela para serem enterrados.

Parlatório

O Parlatório, com cerca de 5 metros de largura encontra-se ao lado da sala do capítulo. Era apenas no parlatório que os monges estavam autorizados a falar com um representante do abade. Por princípio, os monges estavam obrigados ao silêncio, com exceção da reza e só se podiam transmitir informações muito necessárias. Por este motivo muitos utilizavam uma linguagem gestual.



Dormitório

O Dormitório, que se localiza no primeiro andar, tem uma área de perto de 1300m². Na forma actual e restaurada, o dormitório apresenta-se na sua forma medieval original. Na parte superior do lado sul, o dormitório é aberto por uma grande porta ogival que dá acesso ao transepto a norte da igreja. Antigamente, nesse local, havia uma escada que descia, cumprindo uma regra cisterciense que obrigava a que o dormitório possuísse duas entradas de acesso. Na parte superior do lado norte do dormitório encontravam-se as latrinas, que se encontravam obrigatoriamente separadas por uma sala à parte – regra estipulada de igual modo pelas regras cistercienses. As águas eram escoadas para o jardim do lado norte da abadia. A meio do lado ocidental, há uma porta estreita que dava acesso a uma escada em caracol, que hoje dá acesso à cozinha e, na Idade Média, permitia a entrada no Calefactório. Por este lado, havia também acesso ao claustro superior. O dormitório foi sendo alterado ao longo dos séculos, no início do século XVI adquiriu um novo chão inserido mais ou menos ao nível do capitel dos pilares, continuando a existir um pé direito suficiente, supostamente, era neste local que os noviços dormiam. Por baixo na metade norte foram construídas salas que eram utilizadas como bibliotecas – até à construção da nova biblioteca em 1755 – e como arquivo. No lado oriental, através dos alargamentos, o dormitório adquiriu um terraço de acesso directo. Em 1716, foi construída uma fachada nova ao dormitório, direccionada a norte. Esta fachada foi coroada com estátua do fundador da abadia, D. Afonso Henriques. O dormitório, tal como hoje, é visível, é hoje uma sala de três naves de enormes dimensões, utilizado fundamentalmente para eventos culturais como, por exemplo, exposições.



Sala dos Monges

Por baixo do dormitório, acessível através de uma porta que se encontra ao lado da escada para o mesmo, localiza-se a Sala dos Monges. Esta sala possui cerca de 560 m² inclinando-se para o lado norte mediante quatro degraus. No início do sec. XVI o dormitório dos noviços foi transferido para o segundo andar do Dormitório transformando a Sala dos Monges numa sala de trabalho, sala de espera e sala de estar dos monges. Na ponta sul da Sala dos Monges encontra-se uma separação mural maciça aberta em direcção ao tecto, formando uma sala estreita em direcção ao muro a norte do parlatório. Em 1229 o cabido geral do cisterciences decidira que todos os mosteiros deviam ter uma prisão no seu interior. De acordo com a nova regra, o compartimento final da sala dos monges passou a ser utilizado como uma prisão pertencente ao mosteiro.



Cozinha Nova e Velha

Durante o seu reinado, o rei D. Afonso deu ordem de construção de um novo claustro na área Noroeste do mosteiro, através do qual era necessário abdicar da cozinha medieval a Oeste do refeitório, ao mesmo tempo os hábitos alimentares dos monges, de acordo com as regras cistercienses antigas a carne e as matérias gordas estavam proibidas aos monges. No ano de 1666, o Papa Alexandre VII autorizou o consumo de carne três vezes por semana desencadeando uma mudança radical nos costumes dos monges, estando a sua pequena cozinha tecnicamente im preparada. Assim foi necessário desviar o Calefactório a leste do refeitório para se criar uma cozinha nova. Para além da cozinha, o calefactório era a única sala onde se podia aquecer, também era neste local que os copistas copiavam os seus livros. Com o alargamento de mais claustros do mosteiro essa sala tornou-se desnecessária até porque, entretanto, a impressão tinha substituído a cópia manual. Deste modo foi construído na área do calefactório e do pátio uma nova cozinha que tinha uma altura de 18m. No meio da cozinha foi construída uma lareira sobre uma área de 3m x 8m com uma altura de 25m, com duas lareiras laterais com medidas de 2,5m x 1,5m e de 4m x 1,5m altura igual, sendo estas medidas as mais altas do mosteiro após a igreja com a sua nave. Estas disposições só existiam em Portugal no Convento da Ordem de Cristo, em Tomar, e no Palácio Nacional de Sintra. Alguns cálculos concluíram que a cozinha era o suficiente para alimentar mais de 500 monges. Por baixo do chão da cozinha corre uma conduta da Levada, um braço artificial do rio Alcoa, a água sai pelo lado Norte da cozinha por uma fenda aberta para fluir numa bacia inserida no chão, da qual a água era retirada.



Refeitório

A Oeste e ao lado da nova cozinha encontra-se o refeitório, a sala de jantar dos monges brancos. O refeitório era constituído por um pavilhão com três naves com as dimensões de cerca de 620m², no lado Oeste da ponta a Sul, o refeitório abria-se para a antiga cozinha medieval, hoje uma sala lateral, que conduz ao claustro D. Afonso VI. Alguns metros à frente, encontra-se na mesma parede uma abertura de 2m de altura e 32cm de largura que conduz à sala, não existindo nenhuma explicação científica para ela. De acordo com uma lenda esta abertura destinava-se ao controlo de peso dos monges, uma vez por mês os monges tinham de passar por esta porta, o que só era possível fazendo-o de lado. Se devido ao excesso de peso os monges não conseguissem passar pela abertura eram obrigados a fazer dieta.

Limites do mosteiro

O mosteiro de Alcobaça, à semelhança do mosteiro-mãe de Claraval possuía um muro alto à sua volta. No entanto a fachada ocidental do mosteiro fazia uma fronteira com a praça do mesmo. O muro decorria a partir da fachada Ocidental a Norte até ao rio Baça que vinha de Oeste, pelo que tanto a confluência dos rios Baça e Alcoa, como a abadia antiga que se encontrava dentro dos muros do mosteiro. Uma parte desse muro foi demolida apenas em 1839. Ainda existem algumas partes do muro do mosteiro a Sul que partia da ala Sul do lado do mosteiro, este muro afastava-se vários metros da fachada Sul do mosteiro encontrando-se com o braço artificial do Alcoa, a Levada que originariamente alimentava o mosteiro com água e energia. Não se tem a certeza acerca do decurso das delimitações do mosteiro do lado Leste, onde também corre o rio Alcoa.



Sistema hidráulico do mosteiro

A Abadia Velha, o primeiro mosteiro provisório, foi construída na margem do rio Alcoa. Mais tarde o mosteiro passou a ser abastecido pela água que provinha de um braço lateral artificial do Alcoa, a Levada. É possível que o rio Alcoa tenha sido desviado ou rectificado e que algumas partes do seu leito anterior tenham sido utilizadas para a construção da Levada no entanto é surpreendente que os monges tenham desde muito cedo criado um sistema próprio de abastecimento de água. Deste modelo em Chiqueda que se encontra no curso superior do rio Alcoa foi aproveitada uma fonte cuja água foi encaminhada subterraneamente durante mais de 3,2Km. Por vezes ela corria em direcção ao mosteiro numa inclinação de 0,25% através de túneis transitáveis ou por canais sob céu aberto. Era desta forma que o lavabo localizado à entrada do refeitório no qual os monges se podiam lavar e a cozinha eram abastecidos de água.

Reflexão sobre o românico

Caracteriza-se por construções austeras e robustas, com paredes grossas e minúsculas janelas, cuja principal função era resistir a ataques de exércitos inimigos.

A estrutura das igrejas românicas é mais complexa que a das paleo-cristãs. Estando mais próxima da Arquitectura Romana, no seu aspecto apresenta naves de abóbodas de pedra em vez de travejamento de madeira. A igreja românica é precedida por um àtrio ladeado de pórticos que faz ligação à igreja através de um narthex.

O esquema do alçado interior das igrejas românicas faz-se através dos elementos: coluna, feixe de pilares, abóbodas de canhão e tribuna.

Santiago de Compostela é, provavelmente, o melhor exemplo de uma igreja românica de peregrinação. A planta é em cruz latina com 3 a 5 naves abobadadas em pedra. A cabeceira ou charola é constituída por ábside, absidiolos e deambulatório. Estas igrejas eram dotadas para receber grandes multidões e procissões, pelo que havia a necessidade do deambulatório que permitia o decorrer normal das cerimónias simultaneamente com as procissões passando atrás do altar. O trifório, galeria semi abobadada aberta para a nave central, era colocado sobre as naves mais baixas, iluminado pelo clerestório. O narthex precedia a entrada e era reservado aos catecúmenos. No alçado da entrada são colocadas duas torres.

O sistema estrutural é conseguido através de contrafortes para suportar o peso, paredes compactas e poucas aberturas, cobertura em abóboda de canhão e abóboda de aresta na nave central. É feita uma divisão vertical em dois planos, com uma galeria espaçosa sobre os arcos principais, arcos laterais e transversais do interior são sustentados por apoios independentes.

Reflexão sobre o período Gótico

Os primeiros indícios surgem na Normandia do século XI com a era de construção monástica incentivada pela ordem de Cluny. Mas já neste momento se aglomeram diversas influências posteriores que vão ser cruciais à tipologia da igreja gótica: as arquivoltas e a abóboda de arestas de origem lombarda e franca, a planta basilical modificada composta por três naves, transepto e três absides de influência carolíngia. Facto decisivo para a originalidade construtiva é o avanço técnico nas mãos das corporações de construtores, grupos formados pelos antigos mestres anónimos ao serviço das construções monásticas e que impulsionam a técnica do arcobotante, elemento que vai libertar as paredes do esforço tornando-as mais esbeltas e transmitindo uma ilusão de leveza no interior pela acentuação da verticalidade. As colunas esguias, os arcos quebrados, a profusão de pináculos e diversos elementos decorativos vão formar uma tipologia maleável de grandes dimensões, que não obedece a um padrão pré-definido de número de partes e que varia de caso a caso.

O estilo gótico é uma afirmação de uma nova filosofia. A estrutura apresenta algo novo, uma harmonia e proporção inovadoras resultado de relações matemáticas, de ordens claras impregnadas de simbolismo. A luz é a comunicação do divino, o sobrenatural, é o veículo real para a comunhão com o sagrado. Fisicamente a luz vai ter um papel de importância crucial no interior da catedral, vai-se difundir através dos grandes vitrais numa àrea de misticismo e a sua carga simbólica vai ser reforçada pela acentuação do verticalismo. As paredes, agora libertas da sua função de apoio, expandem em altura e permitem a metamorfose do interior num espaço gracioso e etéreo.

O estilo gótico é, para a sociedade da época, extremamente contagiante e persuasivo, ultrapassando por isso as barreiras da arquitectura religiosa e transpondo-se para outras tipologias. Ao invés do românico estas características construtivas encontram-se, embora em menores dimensões e exuberância, em moradias da burguesia, câmaras municipais, hospitais e outras construções citadinas (reduzidas, no entanto, a elementos de índole decorativa).

Bibliografia

SUTTON, Ian: 1999, *História da Arquitectura no Ocidente*, Lisboa: Verbo, 2004

www.wikipédia.pt

www.ippar.pt